

13-12-60

A CRÔNICA de Rubem Braga

O CREPÚSCULO

O PRESIDENTE Juscelino, que tem um verdadeiro gênio promocional, deve andar, a esta hora, maquinando alguma coisa.

Ele deve estar cansado de ouvir dizer que nunca nenhum Presidente da República chegou ao fim de seu governo tão bem etc. etc. Notícias que recebo de Brasília — não de reles gente da Oposição, mas de gente de Palácio (que eu, por mim, me dou com toda gente) — contam que o nosso Presidente anda a um tempo inquieto e aéreo. Aéreo, mas aéreo por dentro, que nem voar muito ele não voa mais. A imprensa quase não dá seu nome, ou dá apenas para notícia de atos oficiais ou comentários à sua futura eleição para senador de Goiás; eleição não digo injusta, mas evidentemente marcada, pré-fabricada com favores, nomeações e arranjos de toda sorte.

Não é mal que o Dr. Juscelino seja senador; é preciso alguém para eventualmente defender sua administração no Senado, e o mais seguro é que ele mesmo esteja lá para fazê-lo. Ele está vivendo a hora da desconfiância; todos o querem muito... para 1965; se calhar, naturalmente; que este mundo costuma dar voltas, e o Brasil dentro dele.

A perspectiva é bonita, mas não enche o coração. Como todo governante em fim de governo, ele começa a notar a mudança fatal dos gestos, das vozes, das pessoas. Contou-me um amigo seu que Fulano, que sempre falou ao Presidente com voz respeitosa e murmure, estava outro dia "quase gritando com ele".

Diz-se da imprensa que é boa carreira, contanto que se saia dela. Governo é bom ofício, contanto o contrário — que se continue nele. Por mais avisado que seja um homem, ele se acostuma de tal modo às delícias do Poder que a hora de apear sempre lhe parece amarga. Fora da roda de seus amigos velhos e leais notará o Presidente que muitos, que antes se curvavam em sala-maleques à sua passagem, já hoje economizam sorrisos. O brasileiro tem muito espírito imediatista, e nem todos se animam a empatar sorrisos a um prazo tão longo como cinco anos; pensando que cada boca só pode ter um sorriso de uma vez, acham que há com quem seja mais urgente gastá-lo agora.

Confio no Presidente; confio em que daqui a 31 de janeiro ele invente alguma coisa para fazer esplendor e magnificar o seu crepúsculo. A senatoria é coisa conveniente, porém micha. Incendiar Brasília? Deve ser difícil de pegar fogo; é difícil de tudo, até de deixar, deve estar pensando ele.

Sugiro um gesto único: parar no que já fez até aqui, e não mais fazer testamento. Desagradará, eu sei, a alguns milhares de ansiosos; mas será coisa tão nova e inaudita que empolgará milhões.